

.....

O presente texto faz parte do trabalho de tese de doutoramento, que teve como finalidade examinar a constituição de uma *forma escolar* infantil e primária, por meio do estudo da cultura escolar dos jardins-de-infância e grupos escolares no Paraná entre 1900 e 1929. No projeto de remodelamento da instrução pública paranaense, as temáticas do espaço e da mobília escolar foram elementos centrais do debate sobre a constituição de uma forma e cultura escolar propriamente republicana do início do Novecentos. O objetivo deste artigo é de apresentar alguns fragmentos da pesquisa realizada a fim de permitir revelar aspectos singulares e contraditórios entre aquilo que se considerava modelar e aquilo que se conseguiu erigir em termos de espaço e mobília escolar, explicitar as dissonâncias entre o desejado, almejado para a estrutura e funcionamento da instrução pública infantil e primária no Paraná no início do século XX e, o alcançado, constituído nas instituições escolares.

Palavras Chave: Espaço — Mobília Escolar — Educação da Infância

The present text is part of the work of thesis of doctor, that had as purpose to examine the constitution of an infantile and primary pertaining to school form, by means of the study of the pertaining to school culture of garden-of-infancy and pertaining to school groups in the Paraná between 1900 and 1929. In the project of shape of the paranaense public instruction, the thematic ones of the space and the pertaining to school furniture had been elements central offices of the debate on the constitution of a form and properly republican pertaining to school culture of the beginning of the Nine hundred. The objective of this article is to present some pieces of the carried through research in order to allow to disclose singular and contradictory aspects between what if it considered shape and what if it obtained to erect in terms of space and pertaining to school furniture, to show the different between the desired one, longed for for the structure and functioning of the infantile and primary public instruction in the Paraná at the beginning of century XX e, the reached one, constituting in the pertaining to school institutions.

Keywords: Space - Pertaining to school Furniture - Education of Infancy

# Espaço e Mobília Escolar na Instrução Pública Paranaense no Limiar do Século XX

Gizele de Souza

Professora Dra da  
Universidade  
Federal do Paraná

Esse texto faz parte do trabalho de tese de doutoramento defendido no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em abril de 2004. A tese desenvolvida, de cunho historiográfico, teve como finalidade examinar a constituição de uma *forma escolar* infantil e primária, por meio do estudo da cultura escolar dos jardins-de-infância e grupos escolares no Paraná entre 1900 e 1929. Com a pesquisa, foi possível identificar no Paraná a presença inegável da escola para a primeira infância - os jardins - articuladamente à organização do ensino primário - os grupos escolares - mesmo que reservadas as especificidades nos objetivos e processos do ensino, nos materiais, nos edifícios. Também foi possível apreender que os grupos escolares representaram para a instrução pública das duas primeiras décadas do Novecentos o ícone de modernização pedagógica pretendida para o Paraná, todavia a precariedade na materialização deste projeto produziu dissonâncias e inadequações do modelo escolar almejado. Utilizou-se neste trabalho: relatórios de instrução pública; ofícios de governo; coleções de leis, decretos, atos e Regulamentos; correspondências, artigos da imprensa local e de periódicos educacionais e arquivos públicos e privados.

A título de esclarecimento, vale indicar que no período de 1904 a 1907, na gestão como presidente do estado de Vicente Machado da Silva e Lima, com Bento José Lamenha Lins na Secretaria do Interior, Justiça e Instrução Pública e tendo como diretores da Instrução Pública Reinaldo Machado e Arthur Pedreira de Cerqueira, deu-se à reorganização da Escola Normal em 1904, à implantação dos primeiros grupos escolares em 1905 e à inauguração do primeiro jardim-de-infância público em 1906<sup>1</sup>.

No projeto de remodelamento da instrução pública brasileira – e aqui especificamente a paranaense – na organização e implantação dos jardins-de-infância e grupos escolares, as temáticas do espaço e da mobília escolar foram elementos centrais do debate sobre a constituição de uma forma e cultura escolar propriamente republicana do século XX.

O objetivo deste texto é de apresentar alguns fragmentos da pesquisa que fora realizado, a fim de permitir revelar aspectos contraditórios entre aquilo

## escola seja para a infância uma espécie de *templo* que lhe estimule o gosto para o estudo

que se considerava modelar e aquilo que se conseguiu erigir em termos de espaço e mobília escolar, entre o desejado, almejado

A proposta de organizar grupos escolares no Paraná articulava-se à idéia de uma “nova escola”, diferentemente de meros agrupamentos de escolas isoladas, uma reunião de escolas demarcadas por sistematização do ensino, com gradações de séries, uma nova “forma escolar” até então ausente no estado. Para a configuração dos primeiros grupos escolares e jardins-de-infância no Paraná no século XX, trilharam-se variadas formas de divulgação pela imprensa, por meio de revistas e relatórios governamentais que advogavam a necessidade destes estabelecimentos de ensino. Também se organizaram conferências cívicas e palestras pedagógicas, organizaram-se estatutos legais que orientassem e dessem norte à instrução paranaense, edificaram-se prédios específicos para as “novas modalidades de ensino” infantil e primário e se fizeram viagens comissionadas e visitas a estabelecimentos em outros estados, especialmente São Paulo.

para a estrutura e funcionamento da instrução pública infantil e primária no Paraná e, o alcançado, constituído nas instituições escolares no decorrer das primeiras décadas do século XX.

Desde fins do século XIX e início do século XX no estado do Paraná, a denúncia sobre a precariedade dos espaços e dos materiais escolares era presente. Exemplo disso observa-se no Relatório do Superintendente do Ensino em fins do oitocentos destacando a ausência da adoção dos preceitos da higiene: “em todas as localidades, é sensível a falta de prédios apropriados às escolas construídos segundo os preceitos da higiene aliada á estática, de maneira que a escola seja para a infância uma espécie de *templo* que lhe estimule o gosto para o estudo”. (Relatório do superintendente geral do Ensino, Victor Ferreira do Amaral e Silva, ao secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública, Caetano Alberto Munhoz, 893, p.25, grifo meu).

<sup>1</sup> A pesquisa localizou, apesar das esparsas e contraditórias informações estatísticas presentes em relatórios da Instrução Pública da época, 34 grupos escolares públicos em funcionamento no estado do Paraná até 1924. Quanto aos jardins-de-infância, o número era de 5 estabelecimentos públicos com um número de 491 crianças matriculadas e 5 estabelecimentos privados, com o número de 265 matrículas, perfazendo um total de 10 estabelecimentos, segundo dados na Mensagem Presidencial ao Congresso Legislativo do Paraná, em 1927.

O início do século XX herda tal demanda por escolas e melhor aparelhamento dos estabelecimentos de ensino e as proposições para superação de tal situação estavam centradas na necessidade de implantação dos grupos escolares como símbolo de renovação e modernização da instrução pública no Paraná. Esta desejada inovação exigia edificação e mobília condizentes aos preceitos da pedagogia moderna que circulavam no período. Todavia, o que se encontrava nas escolas públicas paranaenses não era nada estimulador. “A mobília das escolas públicas, em geral, anda em completo antagonismo com os preceitos da higiene pedagógica; pelo que, se as condições financeiras do Estado o permitissem, seria necessário fazer-se uma substituição quase integral. E não é isso questão de somenos importância, porquanto moléstias e deformações há que buscam sua origem nos bancos das escolas”. (Relatório do diretor geral do Ensino, Victor Ferreira do Amaral e Silva, ao secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública, sobre o ano de 1902, publicado em 1903, p. 38-39).

Esta difícil situação poderia ser superada, segundo expectativas das autoridades paranaenses, com a construção de prédios considerados adequados, e dentre eles emergia o grupo escolar como modelo mais arrematado de renovação pedagógica. “Um dos escolhos para a boa distribuição das escolas, não só nas cidades como nos pequenos povoados, continua a ser a falta de prédios apropriados, dificuldade que só será sanada quando o estado puder mandar construir casas escolares adequadas nos lugares mais convenientes”. (Relatório do diretor geral da Instrução Pública, Victor Ferreira do Amaral e Silva, ao secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública, Octavio Ferreira do Amaral e Silva, sobre o ano de 1902, publicado em 1903, p.38).

Os grupos escolares do estado de São Paulo serviam, neste período, de refe-

rência para a edificação dos prédios e a correspondente organização da rotina e mobiliário no Paraná. Exemplo disso foi a viagem comissionada da professora normalista Carolina Moreira a São Paulo com o desígnio de estudar os métodos e a organização primária. A referida professora relatou ao governo do estado que os fatores primordiais para a fundação e regular funcionamento de um grupo escolar eram o prédio, o mobiliário e o corpo docente (Relatório da professora Carolina Pinto Moreira, ao presidente do estado do Paraná, João Candido Ferreira, 1907, p.10). A lição trazida de São Paulo pela professora era de que, na construção de casas escolares, o que deveria ser atendido de preferência eram as condições de higiene, do corpo e do espírito. Fica evidente que as condições do espaço físico de uma escola seriam determinantes na formação moral e da personalidade da criança, numa relação causal entre o luxo do edifício escolar e a vaidade infantil.

Em relação ao mobiliário, insistia Carolina Moreira que as teses em circulação na época já demonstravam que a higiene das escolas dependia em grande parte do mobiliário nelas usado e sugeria a aquisição de bancos e carteiras nomeadas “tipo americano”. Pelas palavras da professora: “bancos e carteiras do tipo americano, dos quais, precedendo autorização do Governo, eu trouxe de S. Paulo os dois exemplares que se acham depositados em uma sala da Escola Normal” (Relatório da professora Carolina

Um dos escolhos para a boa distribuição das escolas, não só nas cidades como nos pequenos povoados, continua a ser a falta de prédios apropriados

Pinto Moreira, ao presidente do estado do Paraná, João Candido Ferreira, 1907, p. 11).

As referências modelares de livros e mobílias para os futuros grupos escolares paranaenses chegavam de São Paulo e Rio de Janeiro, sendo materiais de

referências que circulavam nas Exposições Internacionais realizadas nos países europeus e nos Estados Unidos<sup>2</sup>. Porém, mesmo que chegassem ao Paraná notícias e mobília consideradas “modelares”, a situação da organização do ensino era de extrema precariedade.

O provimento do mobiliário escolar, para as autoridades paranaenses, não era apenas instrumentação intelectual para o estudo das crianças, mas também “subsídio importante para a formação do caráter infantil” (Relatório do delega-

3 quadros negros pequenos  
1 piano novo (autor Paulo Christopt).  
1 talha com mesa  
1 dúzia de cepos  
1 bacia

1 cesta para papeis servido  
1 jarro de porcelana para flores

Vários objetos para ensino e divertimento dos alunos (Relatório do Inspetor Escolar da Capital, Sebastião Paraná, ao Diretor Geral da Instrução Pública, Arthur Pedreira de Cerqueira, 1906, p.71).

Esta lista de utensílios parece afastar-se em parte da penúria denunciada

## O provimento do mobiliário escolar... ...subsídio importante para a formação do caráter infantil

nos espaços da escola primária. Dentre as pequenas cadeiras, quadros-negros, jarro para flores, tapetes, observa-se

do fiscal da 1ª. Circunscrição Escolar, Laurentino de Azambuja, ao diretor geral da Instrução Pública, Arthur Pedreira de Cerqueira, 1907, p.59). Reside aqui a idéia de civilizar, educar determinadas “qualidades infantis”.

E, neste cenário, tinham-se também notícias sobre o espaço e mobiliário dos jardins-de-infância no Paraná, por exemplo, por meio do Relatório do Inspetor Escolar, no qual localiza-se a listagem da mobília existente no primeiro ano de funcionamento do jardim.

60 cadeiras pequenas  
6 mesas pequenas  
4 escrivaninhas pequenas de pinho  
6 cadeiras grandes, simples  
4 cadeiras com gradil  
4 armários de pinho  
1 lavatório pequeno de pinho  
1 porta toalha de madeira  
1 1/2 mobília de Carvalho  
1 sofá  
2 cadeiras de braço  
4 cadeiras simples  
1 mesa  
1 tapete  
1 relógio de parede

na mobília para as crianças do jardim a presença de objetos para divertimento, que podiam ser traduzidos como brinquedos, jogos. Provavelmente os jogos se faziam presentes, pois, estava prevista adoção da pedagogia froebeliana nos primeiros jardins paranaenses do início do século XX.

Argumenta Becchi (1996) que, se a pedagogia do início do oitocentos é uma pedagogia que estimula o jogo, bastava lembrar Froebel, que definia e aconselhava o uso do material lúdico, dotado de valor moral e socializante. Também na cultura material da infância do referido século, o brinquedo desempenha papel cada vez mais importante. “Na Alemanha, Inglaterra, França, centros de produções em série, substituíram o artesanato, que não se esgota, e o material lúdico não só se enriquece de objetos, mas se faz também mais aperfeiçoado, graduando-se segundo por classes, por idade e por sexo” (Becchi, 1996, p.146. Tradução minha).

Froebel foi referência para o trabalho no jardim-de-infância da Escola Nor-

<sup>2</sup> Sobre Exposições Universais, ver Pesavento, S. J (1997).

Exposições universais: espetáculos da modernidade do século XIX. São Paulo: Hucitec; Warde, M. J (2003) “Oscar Thompson na Exposição de St. Louis (1904): a exhibit showing ‘machinery for making machines’” In: Freitas, M. C. de. & Kuhlmann Jr (orgs.) Os Intelectuais na História da Infância. São Paulo: Cortez.

mal Caetano de Campos em São Paulo. Já se sabe que a professora Maria de Miranda, em viagem comissionada pelo governo do estado, esteve por um algum tempo nesse estabelecimento de ensino, e em seu relatório, entre outras observações, dava destaque para o mobiliário do jardim-de-infância paulista. Esclarecia a professora que o mobiliamento era feito de acordo com os princípios que regiam a “aplicação dos processos froebelianos” e era dos mais simples. A informação cedida pela professora em seu Relatório era minuciosa, detalhava os centímetros das cadeiras e mesas e os quesitos informados a ela como adotados no jardim.

O jornal paranaense em 1906 descrevia o espetáculo da inauguração do primeiro Jardim público do Estado. “Gárgulas crianças lá estavam a folgar, tendo em frente de si um arsenal de dons, despreocupadas e alegres, transmitindo-nos também aquela satisfação que se percebia nas rissonhas e lindas fisionomias infantis.” A presença na proposta deste jardim-de-infância da pedagogia froebeliana e dos materiais decorrentes desta proposta pedagógica evidenciava-se pela passagem a seguir:

Sobre as pequenas mesas cercadas de cadeiras, os dons se achavam artisticamente dispostos: aqui o primeiro dom, seis bolas cobertas de lã com as cores do prisma que tão útil serviço presta a intuição do número, da cor, da substância, dos movimentos, da posição, da direção e da forma; mais adiante os oitavo e nono dons, anéis e pauzinhos; além um outro, crivado de pequenos bilros policromos, para o ensino das cores e dos números, além os jogos alfabéticos, enfim todo um

verdadeiro laboratório de pedagogia ainda não completo, mas que em breve o será (O Jardim da Infância. *Diário da Tarde*, 3 de fevereiro de 1906, grifo meu).

Um “laboratório de pedagogia”, movimentos, formas, cores, jogos, “dons froebelianos” dispostos e utilizados pelas crianças, eis a representação apresentada pelo jornal paranaense. A im-

pressão registrada pelo mesmo veículo jornalístico foi de que o espaço do jardim da infância era composto de “sala de aula vasta, arejada e clara, com as paredes revestidas por um cinto negro que servia de quadro para os exercícios escolares” (O Jardim da Infância. *Diário da Tarde*, 3 de fevereiro de 1906).

Entretanto, esse mesmo jardim-de-infância público dirigido por Maria Francisca de Miranda foi alvo de avaliação nada favorável com relação ao espaço físico destinado às crianças. O jornal *Diário da Tarde* publicou matéria descrevendo visita feita a esse estabelecimento e afirmava que o edifício era, sob todos os aspectos, “acanhado e impróprio” para os fins a que se destinava. Mas o fator mais grave, segundo o jornal, era o grande número de crianças que não podiam ser admitidas na escola por estar completo o número regulamentar de alunos matriculados (que era de 60). Um número expressivo de crianças permanecia fora do ensino infantil por falta de vagas e móveis. O que se sugeria para tal impasse eram algumas modificações físicas do espaço já existente.

Ao final de 1909, o próprio diretor interino Jayme Reis visitou o jardim-de-infância e, segundo informava o *Diário da Tarde*, o Diretor observou a persistência dos problemas apontados por representante do jornal em visita realizada no início do ano às dependências

O estabelecimento montado a capricho,  
com salas vastas, bem iluminadas,  
asseadas, ventiladas,

do Jardim. “O estabelecimento montado a capricho, com salas vastas, bem iluminadas, asseadas, ventiladas, presta-se a ser ampliado, sendo conveniente o fornecimento de mais 3 mesas, 30 cadeirinhas segundo os modelos nele existente e a nomeação de mais um auxiliar



que se prestasse a tomar conta de mais uma sala". (Jardim da Infância. *Diário da Tarde*, 18 de novembro de 1909).

A missão civilizadora do espaço, do mobiliário e da higiene escolar visava ainda, segundo parecer do diretor da Instrução Pública Arthur Pedreira de Cerqueira, a produzir, nas crianças especialmente pobres filhas de colonos, o "gérmen do progresso" para a indisposição destas contra as precárias instalações de onde nasceram, inspiradas pela comparação com a edificação e mobiliário escolar.

Ora, se os prédios escolares, as salas, o mobiliário fossem organizados de forma a ferir o espírito das crianças, a lhes mostrar a disparidade de conforto existente entre a casa de habilitação dos seus progenitores e o templo da instrução, certamente, chegadas à idade viril, e já possuindo o gérmen do progresso, bebido na comparação quotidiana, não se contentariam com a primitividade em que nasceram, e procurariam, quando não sobrepujar, pelo menos igualar, nas condições de vida, aquilo que viram e observaram na casa, destinada, não só a lhes fazer conhecer as letras do alfabeto, mas também os meios e modos de conseguir um sempre crescente bem estar físico, moral e intelectual (Relatório do diretor geral interino da Instrução Pública, Jayme Dormund dos Reis, ao secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública, Luiz A. Xavier, sobre o ano de 1909, publicado em 1910, p. 59).

Fator importante vinculado à temática do mobiliário e utensílios escolares, o almoxarifado, é considerado uma "ins-

em falta. Relatório do diretor geral dava conta de que quase todos os professores cumpriram a determinação e que, aos poucos, se remetia o material para alguns estabelecimentos. A justificativa dada por Francisco de Azevedo Macedo foi de que este trabalho só poderia ser agilizado à medida que fossem "sendo montadas as carteiras americanas, trabalho esse a cargo de um marceneiro e um auxiliar" (Relatório do diretor geral da Instrução Pública, Francisco de Azevedo Macedo, ao secretário do interior, Justiça e Instrução Pública, Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos, sobre o ano de 1913, publicado em 1914, p.6).

Em correspondência do ano anterior, dirigida ao secretário do Interior e ao diretor da Instrução Pública, apresentava o professor normalista Adolpho Nascimento Brito de "Serro Azul" a lista de material existente e faltante em sua escola. O Relatório manuscrito pedia providências para que a escola sob a responsabilidade do professor fosse provida do material adequado. Afirmava o professor: "Não existe um quadro-negro, onde se possam fazer amplas demonstrações aos alunos e bem assim de mapas e globo para melhores explicações do estudo da geografia" (Brito, 1912, p. 36). A listagem apresentada pelo professor da cidade de "Serro Azul" comprovava a insuficiência dos utensílios para o ensino: "13 carteiras, 2 bancos compridos, 1

mapa do 'Estado do Paraná', 1 balde de zinco, 1 quadro negro de 0,50 m2, 1 caneca de folha (Relatório do p r o f e s s o r

## O almoxarifado, é considerado uma "instituição" cuja incumbência era a "guarda, distribuição, arrecadação e reparos" dos materiais escolares

tituição" cuja incumbência era a "guarda, distribuição, arrecadação e reparos" dos materiais escolares. Em 1913, Francisco de Azevedo Macedo, que assumia a direção do ensino paranaense, baixou uma instrução a todos os professores para que lhe enviassem relação dos móveis e utensílios existentes nas escolas, com indicação daquilo que estaria

normalista Adolpho Nascimento Brito, ao secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública, e ao Diretor Geral da Instrução Pública, 1912, p. 37). Mas, a lista do material solicitado pelo professor às autoridades paranaenses foi a seguinte: "1 mapa do

'Brasil'; 1 mapa geral da 'América' (continente); 1 globo terrestre; 1 mapa-mundo; 1 quadro negro; 1 mesa com gaveta; 3 cadeiras; 1 filtro com talha; 2 copos" (Relatório do professor normalista Adolpho Nascimento Brito, ao secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública, e ao diretor geral da Instrução Pública, 1912, p. 37).

O contraste entre o existente e o almejado era evidente. A listagem apresentada pelo docente parecia acanhada, mas representava a voz e pressão do professor sobre os representantes políticos do Estado frente aos problemas enfrentados. Esse dado revela um aspecto importante do estudo da cultura escolar - a

presença do professor no cenário educacional - a participação deste verificada por meio de um inventário da mobília e utensílios escolares revela um personagem vivo, em ação, posicionando-se diante das situações concretas de seu cotidiano e de seu ofício no magistério.

Entende-se que os vestígios deixados pela atividade docente, anotações, protestos, organização profissional e política, dificuldades e realizações obtidas com os alunos, produção, apropriação e veiculação de materiais destinados aos professores ou por estes produzido, compõem uma vasta pauta para os estudos históricos sobre o universo escolar, sob a perspectiva nomeada de "nova historiografia educacional". Agustín Escolano (1997), ao traçar as tendências gerais da historiografia educativa, sustenta a positividade do alargamento de temas e perspectivas fornecidas pela "nova história educativa"<sup>3</sup> e sugere o enfrentamento da história da escola e do ensino, percorrendo temas como es-

paço e tempo, currículo, métodos e materiais de instrução e manuais escolares, entre outros. Quanto à ordenação do espaço, por exemplo, o pesquisador Viñao Frago (1998) afirma que a sua configuração como lugar, constituiu um elemento significativo do currículo, independentemente daqueles que se fazem presentes nele, estando ou não conscientes disso. Viñao Frago esclarece que "ha ordenações do espaço, configurações do mesmo, adequadas ou inadequadas, segundo o modelo de organização educativa, método de ensino ou clima

### O estudo do espaço escolar pode constituir ferramenta importante para entender a cultura escolar da escola

institucional que se pretenda adotar" (Viñao Frago, 1998, p.78).

Comunga-se da perspectiva de análise da escola como espaço e como lugar. Ou seja, como "algo físico, material, mas também uma construção cultural" (Viñao Frago, 1998, p.77). O espaço escolar tem-se constituído como novo âmbito do estudo da história da educação, e novos olhares para esta temática têm-se firmado. O estudo do espaço escolar pode constituir ferramenta importante para entender a cultura escolar da escola, de sua simbologia e materialidade, de cercar-se a uma definição mais empírica do ofício do professor. Junto com Escolano Benito, entende-se que "o conhecimento das experiências de apropriação e representação dos espaços e tempos escolares tem que ver com a compreensão dos mecanismos de socialização da infância e com a ordem social dos adultos, e interessa, portanto a todas as ciências humanas e sociais". (Escolano Benito, 2000, p.228).

<sup>3</sup> Para mais detalhes em torno desta discussão, ver a coletânea de textos presentes em La investigación histórico-educativa: tendencias actuales organizada por Narciso de Gabriel e Antonio Viñao Frago, 1997.



## Referências Bibliográficas

### Relatórios, mensagens e Impressos:

Relatório do superintendente geral do Ensino, Victor Ferreira do Amaral e Silva, ao secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública, Caetano Alberto Munhoz, 1893.

Relatório do diretor geral do Ensino, Victor Ferreira do Amaral e Silva, ao secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública, 1900.

Relatório do diretor geral da Instrução Pública, Victor Ferreira do Amaral e Silva, ao secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública, Octavio Ferreira do Amaral e Silva, sobre o ano de 1902, publicado em 1903.

Relatório do secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública, Bento José Lamenha Lins, ao presidente do estado do Paraná, Vicente Machado da Silva Lima, sobre o ano de 1904, publicado em 1905.

Relatório do diretor interino da Instrução Pública, Reinaldo Machado, ao secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública, Bento José Lamenha Lins, 1904.

Relatório da professora Carolina Pinto Moreira, ao presidente do estado do Paraná, João Candido Ferreira, 1907.

Relatório do delegado fiscal da 1ª. Circunscrição Escolar, Laurentino de Azambuja, ao diretor geral da Instrução Pública, Arthur Pedreira de Cerqueira.

Relatório do Inspetor Escolar da Capital, Sebastião Paraná, ao Diretor Geral da Instrução Pública, Arthur Pedreira de Cerqueira, 1906.

Relatório do diretor geral interino da Instrução Pública, Jayme Dormund dos Reis, ao secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública, Luiz A. Xavier, sobre o ano de 1909, publicado em 1910.

Relatório do diretor geral da Instrução Pública, Francisco de Azevedo Macedo, ao secretário do interior, Justiça e Instrução Pública, Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos, sobre o ano de 1913, publicado em 1914.

Relatório do professor normalista Adolpho Nascimento Brito, ao secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública, e ao Diretor Geral da Instrução Pública, 1912.

Mensagem do presidente do estado do Paraná, Caetano Munhoz da Rocha, ao Congresso Legislativo do Paraná, Curitiba, 1º de fevereiro de 1927.

### Artigos de jornais:

O Jardim da Infância. *Diário da Tarde*, 3 de fevereiro de 1906.

O Jardim da Infância. *Diário da Tarde*, 3 de fevereiro de 1906.

Jardim da Infancia. *Diário da Tarde*, 18 de novembro de 1909.

A escola. *Diário da Tarde*, 14 de agosto de 1916.

### Outras:

BECCHI, E. 1996. L'Ottocento. In BECCHI, Egle & JULIA, Dominique (a cura di). *Storia dell'infanzia*. Vol. 2: Dal Settecento a oggi. Roma-Bari: Laterza, p. 132-206.

ESCOLANO, A. 1997. La historiografía educativa: tendencias generales. In GABRIEL, N. & VIÑAO FRAGO, A., eds. *La investigación histórico-educativa: tendencias actuales*. Barcelona: Ronsel, p. 51-84.

ESCOLANO, A. 2000. *Tiempos y espacios para la escuela: ensayos históricos*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.

PESAVENTO, S. J. 1997. *Exposições universais: espetáculos da modernidade do século XIX*. São Paulo: Hucitech.

GABRIEL, Narciso de & VIÑAO FRAGO, Antonio. eds. *La investigación histórico-educativa: tendencias actuales*. Barcelona: Ronsel.

VIÑAO FRAGO, A. 1998. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In VIÑAO FRAGO, A. & ESCOLANO BENITO, A. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Trad. de Alfredo Veiga-Neto. Rio de Janeiro: DP&A, p. 59-139.

VIÑAO FRAGO, A. & ESCOLANO BENITO, A. 1998. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Trad. de Alfredo Veiga-Neto. Rio de Janeiro: DP&A.

WARDE, M. J. 2002. Oscar Thompson na Exposição de St. Louis (1904): a exhibit showing "machinery for making machines". In FREITAS, Marcos C. e KUHLMANN JR., Moysés, orgs. *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, p. 409-458.